

Em um ano, o número de fundos já alcança catorze

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

Apesar de regulamentados há apenas um ano, já existem catorze fundos de investimentos — capital estrangeiro aprovados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que somam uma meta de captação de US\$ 300 milhões. Outros 32 estão em análise.

Na prática, seis deles já estão operando e informando regularmente às bolsas de valores a evolução do patrimônio e do valor das cotas. São os fundos BIC II Iochpe, administrado pelo Iochpe, com patrimônio de US\$ 2,2 milhões, na quarta-feira passada; o Brasilvest II e o Templeton Brasil, ambos do Unibanco, com US\$ 3,3 milhões e US\$ 8,8 milhões, respectivamente; o Citibrasil, com US\$ 285,7 mil, do Citibank; o Equity Fund Brazil, do Bozano, Simonsen, com US\$ 98,7 milhões; e o Quantum Brasil, da Pactual, com US\$ 19,3 milhões, que passou a fornecer informações neste mês. O patrimônio total desses fundos era de US\$ 132,6 milhões na quarta-feira. Exetuando-se o Quantum, os outros fundos tinham uma evolução em dólar de 93,7% desde o final de janeiro.

Os números revelam a grande penetração que os fundos tiveram no mercado internacional e o interesse do investidor estrangeiro nesse mecanismo de atuação nas bolsas de valores brasileiras. Os fundos já deslocaram as sociedades de investimento — capital estrangeiro como veículo de entrada de capital externo nas bolsas. As sociedades, apesar de criadas há treze anos, somavam um patrimônio de apenas US\$ 36,3 milhões, na quarta-feira.

Pela maior simplicidade na organização, os fundos, acredita Eduardo Filinto da Silva, diretor vice-presidente da Guilder Corretora de Câmbio e Títulos S.A., devem ultrapassar as sociedades em importância.

LONGO PRAZO

Os fundos conseguiram uma boa captação em curto espaço de tempo, apesar

| | QUANTO VALEM OS FUNDOS | | |
|------------------|---|-----------|-----------|
| | (Patrimônio líquido dos fundos de capital estrangeiro, em final de período, 1988 — em US\$ 1.000) | | |
| | Janeiro | Fevereiro | Março |
| BIC II Iochpe | 910,9 | 905,5 | 2.143,8 |
| Brasilvest II | 221,9 | 214,6 | 258,0 |
| Citi Brasil | 228,4 | 217,0 | 274,7 |
| Equity F. Brazil | 57.920,4 | 64.607,2 | 104.523,4 |
| Templeton-Brasil | 492,7 | 463,7 | 8.563,0 |
| Total | 59.774,3 | 66.408,0 | 115.762,9 |

Fonte: BVSP, BC e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

do crash das bolsas internacionais em outubro passado, lembra Flávio Dania Silva, diretor do Unibanco. O próprio Unibanco estava com o seu fundo de investimento — capital estrangeiro Brasilvest II aprovado no final do primeiro semestre de 1987 e ia iniciar o processo de captação quando ocorreu o "crash".

"O lançamento foi suspenso e reiniciado no final do ano. Agora é que nossos agentes vão fazer o principal esforço de venda", afirma. Os agentes são as corretoras inglesas Paine Webber e Stephen Rose, as mesmas responsáveis no exterior pelo Brasilvest, a sociedade de investimento do Unibanco.

O outro fundo administrado pelo Unibanco é o Templeton Brasil, em que a instituição americana Templeton atua como captadora de recursos. A Templeton é uma das maiores administradoras de recursos do mundo, gerenciando um portfólio de quase US\$ 10 bilhões. Uma parcela dos recursos de seus clientes está vindo agora para as bolsas brasileiras através do fundo.

Dania Silva conta que a carteira dos dois fundos ainda está em fase de montagem. "Administramos livremente os recursos, mas temos de enviar informações de alto nível técnico para o exterior", acrescenta.

Apesar de o prazo mínimo de aplicação nos fundos de investimento ser de noventa dias, Dania Silva revela que a perspectiva dos estrangeiros é de longo prazo. "Por isso procura-

mos ações de empresas com possibilidade de boa evolução a longo prazo, tradicionais no mercado de capitais, mesmo que a conjuntura atual não lhes seja favorável. E não está fácil encontrar papéis em quantidade suficiente que preencham esses requisitos."